

Entrevista com Lucia Fronza Crepaz

Através de uma conferência Skype, a presidente mundial do Movimento Político pela Unidade diz que a abertura da Escola CIVITAS de Formação Social e Política no Brasil é um fato histórico. Após a saudação de Sérgio Previdi e um caloroso aplauso dos presentes, Lucia Crepaz saudou os presentes.

“Queria dizer apenas uma coisa: eu acredito que isto que está acontecendo, a fundação das escolas de Política no Brasil, é um fato histórico, não só para o Brasil, mas para todo Mundo da Unidade, porque, se o povo do Brasil começa, como já começou, a produzir políticos novos, todo o mundo vai sentir a diferença”.

Hoje de manhã eu pensava: quais são as condições para que haja um evento histórico? É preciso **uma idéia**, uma idéia forte. João Paulo II dizia que, só quem tem grandes idéias consegue fazer história. Depois, é preciso **um lugar**, e **pessoas**.

A grande idéia é a Fraternidade Universal. Um dia, conversando com Chiara, ela me perguntou: “Você sabe o que é Fraternidade Universal?” E ela mesma respondeu: “É o desígnio que Deus tem sobre a humanidade”.

Nós vemos a política, através da Fraternidade Universal, como um instrumento para a unidade entre os povos em seu conjunto, por isso é preciso

um lugar e o lugar são as cidades, que o Sérgio acabou de citar; então, nessas cidades deve acontecer uma aventura, uma história nova.

Terceira condição, as pessoas, que são vocês e os estudantes que virão. Um sociólogo da Faculdade Católica de Milão diz que as nossas cidades, tanto as sul-americanas quanto as européias, estão destinadas a fragmentar-se, a tornarem-se cidades anônimas. Esse determinismo social parece inevitável, mas esse processo pode ser detido se existir um grupo de pessoas que decididamente introduza nas cidades relações novas, ou seja, um novo capital social. Esse grupo de pessoas contagiando a cidade pode mudar o seu destino. E, por que temos que conseguir isso? Porque a demanda das nossas cidades é uma exigência de relações novas. Porém, se nós temos relações novas, somos aqueles que possuem uma moeda mais forte.

Existe uma idéia, existe um lugar e as pessoas que fazem. E, nós sabemos, conhecemos o ideal de Chiara, que a essas pessoas vai se acrescentar uma outra Pessoa; realmente, se vivemos a fraternidade universal, entre nós existirão relações recíprocas e isso atrairá Jesus, do Céu para a nossa sociedade. Nós vemos, no nascimento dessa escola, a história que se realiza. Devemos voltar às nossas cidades: Manaus, Fortaleza, Recife, João Pessoa, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Vargem Grande, Porto Alegre, sabendo que estamos construindo trechos da história e, conscientes que nossa finalidade é alcançar o Mundo Unido.

Não sei se vocês se lembram, mas certamente alguns de vocês estavam presentes num encontro no qual me fizeram uma pergunta sobre a ferida e a oportunidade do Brasil. Ali compreendemos que uma exigência do Brasil é entender a própria história. Essas escolas devem se tornar um lugar onde o Brasil se pergunta: “qual é a minha história?”. E quando um povo pergunta e entende a sua história, ele entende o seu futuro. Não é só o nascimento de uma

nova política para as nossas cidades e de novos políticos; os jovens têm a possibilidade de entender o ideal feito política de uma maneira nova, abrem-se também espaços culturais, como todos os outros, onde se interroga sobre o que é o Brasil. Vocês devem dar a eles esse sentido de pertença e devem inserir-se nessa grande pergunta que o Brasil hoje se coloca. É preciso que cada escola tenha uma parte da resposta a essa pergunta, não só para o Brasil, mas para o Brasil inserido no Mundo Unido, e isso, estando profundamente imersos nas nossas cidades, mas também profundamente dentro do Brasil, de todo o Brasil. Eu considero muito importante a página que vocês abriram na Internet, ela vai possibilitar a circulação das idéias no Brasil e também na história da humanidade. Era isso que eu queria dizer a vocês”.

Em seguida, vários monitores saudaram Lucia, iniciando a entrevista.

P – Qual o relacionamento que as escolas devem ter com o MPPU?

R – Seria quase supérfluo falar sobre esse relacionamento pois a Escola é do Movimento Político pela Unidade. Uma parte estrutural do MPPU são as escolas, porque o MPPU é um instrumento criado por Maria para que as nossas cidades, os nossos povos vivam cada vez mais o seu próprio desígnio. Se alguém pensa em construir uma parte da história, deve pensar que o futuro são os jovens. Há uma observação a ser feita: as nossas escolas não criam membros do Movimento Político pela Unidade, mas criam cidadãos novos e uma cidade nova, porque, por exemplo, também Manaus cria cidadãos de Manaus; depois, claro que ficarão no Movimento Político, pois a nossa escola e o próprio MPPU, foram criados para que Manaus seja nova, não para aumentar as idéias do Movimento Político pela Unidade. As escolas são do

Movimento Político pela Unidade. Para que “inventamos” essas escolas? Para criar cidadãos novos, por isso há uma relação de todas as escolas com o restante do Movimento Político e, portanto, com toda a comunidade, porque cada escola está inserida numa comunidade, numa comunidade política. Cada escola terá também a sua autonomia própria pois, no relacionamento com a cidade, essa escola desenvolverá habilidades, desenvolverá seu próprio ser, mas, não deixa de ser Movimento Político pela Unidade.

P – Em Brasília os jovens têm uma imagem negativa dos políticos. E como Brasília tem a função de prover recursos humanos para a máquina estatal, os jovens preferem trabalhar como servidores públicos, mas não “sujar as mãos” com a política. Nesse contexto, o que você tem a dizer sobre o papel do servidor público nesse projeto da escola?

R – Muitas coisas.

Primeiro, a dificuldade com os jovens, provavelmente, vamos encontrar em todo lugar, porque a política, atualmente, está em crise, parece que não exerce uma atração sobre os jovens, como, por exemplo, a tecnologia, a medicina, o esporte... e que não serve para dar uma perspectiva a eles pois, na realidade, a política é outra coisa e não aquilo que eles conheceram até agora. Esta é a primeira coisa.

Segundo, imaginar que os sujeitos da política, isto é, os políticos, os funcionários e diplomatas venham a ser professores nas nossas escolas é algo que precisa ser bem considerado: nem todos podem vir ensinar nas nossas escolas, pois é preciso que sejam políticos, funcionários e diplomatas que se questionaram sobre o que significa fazer boa diplomacia e servir o estado, isto é, que procuraram ir profundamente às raízes, que tenham a luz do Carisma, do Ideal; ou seja, podem vir a nos ajudar na nossa escola, mas não pelo fato de

serem políticos, funcionários ou diplomatas e sim porque fazem parte de uma “certa” categoria de políticos, diplomatas e funcionários.

P - Como transmitir o conteúdo da escola, com respeito à liberdade, criatividade e realidade local dos jovens?

R – Esse é o nosso desafio. Experimentamos muitas vezes que se existe o amor recíproco entre aqueles que dirigem a assembleia, a assembleia é contagiada por esse clima, não é forçada e sim contagiada por esse clima. Os nossos jovens devem se sentir parte de um projeto de amor pela sociedade, e não numa escola de doutrinação, mas num ponto da cidade que se interroga sobre a própria cidade a partir de uma luz que devemos transmitir a eles. A Fraternidade Universal, como sempre vemos nas nossas conversações, não é algo que se acrescenta à nossa vida política, mas está contida no nosso DNA. Então, trata-se de encontrar a palavra certa, a maneira certa de envolvê-los; o problema é nosso, não da fraternidade, a fraternidade é algo que os jovens certamente encontram, se formos capazes de envolvê-los do modo correto. A fraternidade é algo que ilumina as nossas cidades, eles devem ver-nos a serviço deles, portanto, nós não temos que ter o objetivo de convencê-los sobre a fraternidade, nós vamos caminhando com eles, de modo que descubram o sujeito da própria vida e da vida da cidade; isso os faz perceber que fazer juntos as coisas é algo mais iluminante do que fazer sozinhos. Depois, partidos, história, enfim, a relação com o MPPU no mundo inteiro, estão a serviço de sua cidade, de sua história inserida na sua cidade. Se existe alguma dificuldade com eles, se não se sentem envolvidos, devemos parar tudo e ver, juntamente com eles, o que fazer.

P – Pode dizer algo sobre o Projeto da Obra para 2009, com respeito à cidade e como deve ser o nosso relacionamento com a estrutura da Obra e HN?

R – Quando Chiara lança uma idéia, uma idéia pequena, é preciso penetrar nessa idéia e entender o que Chiara quis dizer. Quando ela diz a todos que a Obra deve ser uma família, ao nos voltarmos todos para a cidade, através do evento que vai se realizar, ela quer colocar dentro de nós a humanidade ou seja, ela quer dizer que o Ideal que nós recebemos é para nós sim, mas é um sopro do Espírito Santo para chegar à Humanidade. Uma coisa que sempre me impressionou e que disse aqui na Mariápolis Ginetta é que, o primeiro lugar para onde Chiara mandou os textos do Paraíso, foi ao Parlamento, porque Foco havia voltado para a humanidade e ela enviava os escritos do Paraíso ao Parlamento, ou seja, ela não se contentava em comunicar às popas, esperando que Foco voltasse, mas os mandava lá onde ele estava, ou seja, ia ao encontro dele, mergulhado na humanidade, e não tinha medo que ele não compreendesse. Às vezes nós dizemos, será que ele vai entender, será que vai aceitar... Chiara mandava os textos do Paraíso ao Parlamento, para Foco.

Nascemos para as nossas cidades. A Mariápolis Ginetta, Loppiano e todas as nossas cidadelas, são uma espécie de academia para nós, onde aprendemos, treinamos, mas nós não nascemos para as Mariápolis Permanentes, nós nascemos para todas as cidades do mundo, as cidadelas servem para termos um modelo. O fato de Chiara nos ter indicado e nos ter dirigido para a cidade - a cidade é o lugar típico da humanidade, a cidade contém todos os lugares onde se encontram os homens e as mulheres, onde sofrem, trabalham, nascem e morrem -, quando Chiara nos lançou para a cidade, foi para nos recolocar no “que todos sejam um”. Eu penso que no evento que vai acontecer sobre a

cidade, não vamos ser nós a falar sobre as nossas cidades, não será o pequeno povo da unidade daquela cidade que vai apresentar a nossa cidade, mas será a própria cidade que vai se apresentar, isto é, os nossos prefeitos, os nossos pobres, as organizações, as associações das nossas cidades, e não nós. Eles se apresentarão e apresentarão a experiência de unidade vivida na cidade, nós seremos o fermento que fará das nossas cidades, cidades novas. Então, Humanidade Nova, o Movimento Político, o povo da unidade de Chiara devem ser o fermento nas nossas cidades, não um exército que conquista, como o exército de Roma, que destruía tudo, jogava sal no local em que havia a cidade para que não nascesse mais nem grama e, depois, construía uma cidade nova por cima. Maria não faz assim, Maria entra na cidade e a fermenta, é a própria cidade que fermenta a aventura do “que todos sejam um”.

Então, o evento City Fest é uma idéia de Chiara bem maior do que pensamos: as nossas cidades devem absorver o Ideal de nós, devem absorver a Fraternidade Universal, assumi-la como própria e, assim, descobrir por dentro o próprio desígnio, como aconteceu com cada um de nós quando recebemos o Ideal e descobrimos que havia uma história, um passado e um futuro; pode ser que Chiara nos deu uma palavra de vida, um nome novo... Devemos fazer a mesma coisa. Eu vi os cursos, os módulos do programa da Escola CIVITAS, são perfeitos para atingir esse objetivo, as escolas são a desculpa para fermentar a nossa cidade, para torná-la nova, e nós devemos ter uma capacidade Ideal e cultural adequada para isso.

Nosso desafio maior é transmitir o Ideal de Chiara de um modo culturalmente adequado. Peçamos a Deus a sabedoria e a ciência.